

## Quinta das Horas Vagas

No final das aulas, a minha avó esperava por mim perto do portão da escola. Tinha o carro muito mal estacionado. Provavelmente iria precisar de ajuda para o conseguir tirar daquele lugar. Eu estava ansiosa porque lhe queria pedir sugestões para participar no concurso “Pensa, Projecta e Realiza”.

Entrei no carro e tentei explicar-lhe:

– Na aula de Ciências...

– Espera, tens que sair do carro para me ajudares – pediu a avó. – Não consigo sair sem bater naquele carro vermelho...

– Mas, ó avó...

– Despacha-te! – interrompeu a avó com um ar preocupado.

Gesticulei para a direita, um pouco para a frente, para a esquerda e finalmente para trás e a avó conseguiu sair daquele meio lugar.

Entrei novamente no carro. A avó respirou fundo e, mais tranquila, fez a sua pergunta habitual:

– Então, como é que correu o teu dia?

– Muito bem – respondi. – Hoje, na aula de Ciências, surgiu a oportunidade de participar no concurso “Pensa, Projecta e Realiza”, mas preciso de ideias originais para desenvolver o meu projecto.

A avó ficou uns instantes em silêncio.

– Sabes – disse depois -, quando as pessoas não têm ideias pedem ajuda à senhora Dona Ideia. Ela dá-nos ideias e orienta-nos para caminhos que nos conduzem para a solução do nosso problema.

– Estás a brincar... não é possível!! - desconfiei e encolhi os ombros.

– Acredita em mim! Dizem que a Dona Ideia é muito velhinha e amável. Ela vive na Quinta das Horas Vagas. Se quiseres, podes visitá-la – sugeriu a avó.

Chegámos a casa e a conversa ficou por ali; no entanto, eu já sabia o que tinha a fazer. Calcei as sapatilhas e, rapidamente, coloquei a minha mochila às costas: tinha decidido ir de bicicleta procurar a senhora Dona Ideia. Pedalei muito e, apesar de sentir algum cansaço, não desanimei. Quando pensava não conseguir continuar, vi... uma tabuleta que indicava “Quinta das Horas Vagas”.

A quinta era muito grande, cercada por muros altíssimos e fechada por um grandioso portão verde. Do lado direito desse portão havia um azulejo pintado à mão onde eu li “Por favor toque à campainha” e, do lado esquerdo, outro azulejo com a

inscrição “Cuidado, a Rita anda à solta”. Encostei o meu olho esquerdo à fechadura do portão. Não consegui ver nada.

Então, toquei à campainha. O seu som era diferente de todos os sons que eu conhecia, parecia uma melodia mágica.

– Que estranho! – murmurei baixinho – Ninguém vem abrir o portão.

Quase esperança que alguém aparecesse. Foi então que apareceu uma senhora jovem, bonita, alta e magra. Os seus olhos eram grandes, negros como o carvão e transmitiam-me confiança.

– Olá, boa tarde! – disse a senhora num tom bastante acolhedor.

– Boa tarde! – cumprimentei educadamente a senhora.

– O que é que te traz cá, minha linda menina? – perguntou-me.

– Venho falar com a Dona Ideia... – respondi envergonhada – Ela está?

– Sim, está... sou eu! – afirmou a senhora olhando para mim risonha.

– Ah! Mas... a senhora não deveria ser velhinha? – perguntei confusa e estupefacta.

– Entra, entra... vamos beber uma chávena de chá que acabei de fazer – sugeriu a Dona Ideia. – Depois explico-te tudo.

Pairava no ar algo estranho mas eu estava maravilhada com a beleza e variedade de plantas e flores campestres existentes naquele jardim. Ao fundo, havia uma casa pequena e simples.

A Dona Ideia sentou-se a uma mesa comprida sombreada por uma magnífica tília que crescia no centro do jardim.

– Senta-te, minha menina – convidou-me ela.

– Obrigada – agradei respeitosamente enquanto me sentava numa das cadeiras que estavam perto da mesa mas... estava ocupada por um gato muito gordo e colorido. Fiquei embaraçada.

– Desce, Arco-íris! Desce! – ordenou a Dona Ideia.

O gato rapidamente saltou da cadeira e enroscou-se no colo da sua dona.

A toalha verde-clara da mesa estava desgastada, de modo que se notava a madeira escura da mesa a espreitar pelos buraquinhos. As peças do serviço de chá não condiziam umas com as outras. Assim, em frente da Dona Ideia encontrava-se uma chávena azul e verde pousada num pires amarelo e, ao lado, um açucareiro branco rachado. O resto do serviço era uma miscelânea de cacarecos de vários tamanhos, cores e formas.

Enquanto servia o chá, a minha anfitriã explicou-me que as suas ideias eram a fonte da sua juventude.

– Açúcar? – ofereceu a Dona Ideia ligando o computador portátil que se encontrava em cima da mesa.

– Só uma colher! – respondi descontraidamente.

– Sempre que me visitam, gosto muito de mostrar o meu arquivo das ideias brilhantes onde guardo estas duas imagens – afirmou a Dona Ideia - A primeira é...

– Mona Lisa, uma pintura de Leonardo Da Vinci – apressei-me a dizer.

Quando vi Mona Lisa no *écran* do computador lembrei-me automaticamente de um programa de televisão que vira sobre Leonardo Da Vinci. Nesse programa, apresentavam várias teorias para explicar quem estava retratado naquela pintura, embora a mais aceite era que Mona Lisa representava o auto-retrato do pintor.

– Muito bem... – elogiou a Dona Ideia. – Leonardo Da Vinci foi um excepcional e brilhante pintor mas distinguiu-se também notavelmente como anatomista, físico, engenheiro, inventor, arquitecto, escultor, cartógrafo, geólogo, astrónomo, compositor, poeta, cozinheiro e... matemático.

– É fantástico, a quantidade de actividades que uma pessoa pode realizar ao longo da vida! – exclamei muito surpreendida.

– Sabes onde nasceu Leonardo da Vinci? – perguntou-me.

– Não faço ideia! – respondi com uma ponta de vergonha.

– Em Anchiano, perto de Vinci, no dia 15 de Abril de 1452. Era filho de Di Antonio Da Vinci e de uma camponesa chamada Catarina.

– Desculpe interromper mas... não era Leonardo Da Vinci que escrevia da direita para a esquerda sendo apenas possível a leitura dos seus textos em frente a um espelho?

– Sim, sim, era ele mesmo – confirmou a Dona Ideia.

Sentia-me completamente envolvida nesta história quando, de repente... uma cadela de pêlo preto e brilhante rosnou. Fiquei paralisada de medo.

– Chiu... senta-te aqui ao meu lado – implorou a sua dona.

A Rita não obedeceu e, como uma flecha, desapareceu. Só acalmei quando a Dona Ideia me disse que a Rita era uma cadela adorável e inofensiva. Depois daquele momento de aflição, aquela deslumbrável senhora continuou:

– A outra imagem é de Maria Skolodowska que nasceu no dia 7 de Novembro de 1867.

– Não a conheço! Mas que interessante... a fotografia não me é estranha! – exclamei bebendo o último golinho de chá de limonete.

– Deve-se a ela a descoberta da radioactividade – afirmou a Dona Ideia.

– Ah! Marie Curie! – interrompi, confiante.

– Em 1903 recebeu o Prémio Nobel da Física.

– E depois? – perguntei de olhos arregalados.

– Em 1911 recebeu o Prémio Nobel da Química porque acrescentou à Tabela Periódica de Mendeleiev o rádio e o polónio. O nome polónio surgiu como uma homenagem à terra natal de Marie Curie, a Polónia.

– Então, foi a primeira pessoa no mundo a receber dois prémios Nobel – acrescentei entusiasmada.

– Leonardo Da Vinci e Marie Curie foram duas figuras marcantes para a Humanidade porque estavam sempre atentos ao que se passava à sua volta e dedicaram as suas vidas à procura incessante de novos conhecimentos – concluiu a Dona Ideia.

A conversa estava muito interessante. Senti uma brisa fresca: estava a escurecer e a Dona Ideia aconselhou-me a ir para casa porque a minha avó poderia estar preocupada comigo.

Caminhámos em direcção ao portão e ela, com um sorriso na cara e num tom sereno, disse-me:

– Sabes... as ideias não se compram já feitas, não se encontram prontas para vender ou dar, elas vão-se construindo devagarinho. – E acrescentou – Não te esqueças, é tão importante ter ideias como saber partilhá-las com os outros.

Fiquei impressionada com aquelas palavras e agradei:

– Obrigada, Dona Ideia.

– De nada, foi um prazer ajudar-te – respondeu a Dona Ideia fechando de seguida o portão.

Estava muito longe de casa; no entanto, o regresso pareceu-me bastante rápido, pois já estava a magicar no trabalho que iria realizar para o concurso de Ciências...

Cheguei ainda a tempo do jantar, mas não me livretei de um raspanete bem ralhado... Não me importei: tinha encontrado a minha ideia e isso era o mais importante.

*Maria Margarida Alves, 7.ºD*

*Instituto Duarte de Lemos*